

**MANIFESTAÇÕES DE PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA SALA DE AULA:
conflitos e dilemas em análise**

**LINGUISTIC PREJUDICE MANIFESTATIONS IN THE CLASSROOM: conflicts and
dilemmas under analysis**

Karoline Maria Pereira Carvalho¹
Universidade Federal do Maranhão

RESUMO

O presente artigo contempla reflexões sobre manifestações de preconceito linguístico na sala de aula, a partir de vivências com alunos do 1º ano do Ensino Médio de uma escola estadual do Maranhão. O objetivo geral é analisar as manifestações de preconceito linguístico na sala de aula, a partir da realidade de uma turma de 1º ano do Ensino Médio. Os objetivos específicos são: identificar manifestações de preconceito linguístico em sala de aula; discutir os impactos do preconceito linguístico a partir da realidade de alunos do 1º ano do Ensino Médio; refletir sobre os efeitos do preconceito linguístico nos processos de ensino e aprendizagem. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, na modalidade estudo etnográfico, tendo como técnica uma oficina pedagógica e a observação participante, e como instrumento o questionário aberto, aplicado a cinco alunos e uma professora. O embasamento teórico foi feito a partir de autores como Antunes (2004; 2007), Bagno (1999; 2004; 2006;), Cagliari (2000), Geraldi (1997), entre outros. O estudo mostrou que na sala de aula ocorrem, com frequência, manifestações de preconceito linguístico, em que alunos falantes de determinadas variedades linguísticas sofrem rígidas correções pelo jeito que falam, o que possivelmente pode interferir em seu desenvolvimento cognitivo e no desempenho nas aulas de Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Língua; Preconceito Linguística; Variação Linguística.

ABSTRACT: This article includes reflections on linguistic prejudice in the classroom, based on experiences with 1st year high school students at a state school in Maranhão, Brazil. The general objective is to analyze the manifestations of linguistic prejudice in the classroom, concerning the reality of such students. The specific objectives are: to identify manifestations of linguistic prejudice in the classroom; to discuss the linguistic prejudice impacts on the reality of 1st year high school students; and to reflect on the linguistic prejudice effects on teaching and learning processes. This is a qualitative research, in the ethnographic study modality, using a pedagogical workshop and participant observation as techniques and an open questionnaire as an instrument to generate data, having five students and a teacher as participants. The theoretical basis concerns authors such as Antunes (2004; 2007), Bagno (1999; 2004; 2006;), Cagliari (2000), Geraldi (1997), among others. The study indicated that linguistic prejudice manifestations frequently occur in the classroom, in which students who speak certain linguistic varieties suffer rigid corrections for the way they speak, which could possibly interfere with their cognitive development and performance in language classes. Portuguese.

Keywords: Language; Linguistic Prejudice; Linguistic Variation.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos - Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus São Bernardo. E-mail: carvalho.karoline@discente.ufma.br

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve como objeto de estudo as manifestações de preconceito linguístico em sala de aula e as diferentes variações linguísticas entre alunos do 1º ano do Ensino Médio, em uma instituição da rede estadual de ensino na cidade de São Bernardo (MA).

A pesquisa surgiu a partir de estudos de experiências vivenciadas durante o período de Estágio Obrigatório III e IV (Ensino Médio), em que se observou como essa questão é um problema existente no contexto escolar. Compreende-se que o preconceito linguístico é uma interferência no processo de ensino e aprendizagem, logo, essa problemática deve ser estudada.

Despreza-se a variedade linguística informal e a livre forma de expressão, classificadas como “erradas” diante da norma padrão. Por este viés, o ato de discriminação acontece por meio do desrespeito social, cultural, histórico e pela identidade que, de certa forma, foge do “modelo padrão” da linguagem estabelecida pela gramática normativa.

Parte-se da compreensão de que a escola é um espaço de convivência que enquadra diversos alunos de lugares diferentes, com histórias e identidades distintas. Como ambiente essencialmente educativo, a instituição escolar tem como finalidade preparar o discente para atuar como agente ativo na sociedade, através de um processo de escolarização que o torne um cidadão capaz de se expressar criticamente, sendo tolerante e respeitoso às diversidades, inclusive a linguística.

No contexto observado foi possível notar que há atos de discriminação entre alunos do 1º ano, pelo simples fato de uns falarem diferente de outros. Em face do exposto, problematiza-se a seguinte questão de pesquisa: “como evitar o ato de preconceito linguístico na sala de aula?”.

Pensando nesta questão e por se entender que a escola e suas práticas pedagógicas são fundamentais para diminuir ações de discriminação, esta pesquisa foi desenvolvida a partir de análises sobre manifestações e impactos causados por esse cenário preocupante e que pode ter graves consequências.

O objetivo geral é analisar as manifestações de preconceito linguístico na sala de aula, a partir da realidade de uma turma de 1º ano do Ensino Médio. Os objetivos específicos são: identificar manifestações de preconceito linguístico em sala de aula; discutir os impactos do preconceito linguístico a partir da realidade de alunos do 1º ano do Ensino Médio; e refletir sobre os efeitos do preconceito linguístico nos processos de ensino e aprendizagem.

O presente artigo está organizado nas seguintes seções: introdução; referencial teórico abordando tópicos sobre preconceito e variações linguísticas; metodologia, na qual são apresentados os instrumentos, técnicas, abordagem e tipos de pesquisa; análises e discussões dos resultados das observações, oficina, questionários; e, por fim, a conclusão do trabalho e as referências que foram a base para a escrita do texto.

2 PRECONCEITO E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA SALA DE AULA

A norma padrão é a variedade que é usada por indivíduos letrados das diferentes classes sociais, trata-se da forma em que se prioriza o respeito às normas gramaticais ditadas, ou seja, como o português deve ser falado. Esse tipo de linguagem é empregada na escrita e na fala, refletindo o prestígio social e cultural. Torna-se mais artificial e menos sujeita a variações por estar presente em conferências, aulas, discursos, comunicações científicas, e etc.

Por este ponto de vista, Antunes (2007, p. 94) aponta que

[...] a norma padrão em determinado período da história brasileira, esteve associado a um projeto da sociedade letrada de pretender garantir, para a comunidade nacional, uma certa uniformidade linguística, entendida aqui como o cuidado por criar uma língua comum, estandardizada, com ênfase no geral, e não em regularidades regionais, locais ou setoriais.

A norma padrão traz regras de uso, tornando-se “[...] um requisito linguístico-social próprio para as situações comunicativas formais, sobretudo aquelas ligadas à escrita” (Antunes, 2007, p. 88). Na prática, o que ocorre é que o tido como “correto” é priorizado, enquanto o considerado “incorreto” não é bem visto na sociedade.

Esta norma padrão é solicitada na escola por professores da disciplina Língua Portuguesa e em textos formais orais ou escritos. E com o contexto observado na sala de aula, as propostas pedagógicas para o ensino de Língua Portuguesa continuam se baseando no ensino tradicional, em que tem seu foco no uso da gramática e no ensino da língua de forma descontextualizada. E de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1997), utilizar metodologias equivocadas causa a valorização de um tipo de língua em detrimento da outra, ao invés de fazer uma educação em que seja possível permitir o desenvolvimento da língua local de forma mais eficiente, considerando suas variações.

No entanto, o que se observa nas aulas de português, na maioria das vezes, é que o professor foca na gramática como o eixo mais importante, privando o aluno de ampliar suas

próprias ideias a partir da compreensão das diferenças de linguagem no processo de interação social na escola e fora dela.

Se a língua é falada por seres humanos que vivem em sociedades, se esses seres humanos e essas sociedades são sempre em qualquer lugar e em qualquer época, heterogêneos, diversificados, instáveis, sujeitos a conflitos e transformações, o estranho, o paradoxal, o impensável seria justamente que as línguas permanecessem estáveis e homogêneas! (Bagno, 2007, p. 37).

É a partir da língua que surgem as variações linguísticas, pois em sociedade é possível notar a diversidade na fala, uma vez que língua e sociedade estão entrelaçadas. Por este viés, as variações acontecem por diversos motivos como, condições sociais, culturais, históricas e regionais.

A “sociolinguística se interessa por todas essas manifestações verbais nas diferentes variedades de uma língua” (Cezario; Votre, 2013, P. 41). Essas variações são consideradas como uma ocorrência cultural causada pela linguagem e outros instrumentos, que o pesquisador, ao estudar, aponta todas as condições que impossibilita seu uso em coletividade. Sobre isso, Bagno destaca que

A Sociolinguística é responsável e tem por objetivo o estudo das mudanças e variações existentes na língua, podendo mudar com relação ao tempo, variar quanto ao espaço e ainda existem variações com base na situação social em que o indivíduo se encontra (Bagno, 2004, p. 43).

Assim, as variações linguísticas se manifestam pela forma que a sociedade se expressa através de atos de comunicação em torno de diferentes modos de se falar, e são encontradas na relação entre contextos de cultura, identidade, história, geografia, etc. Por existir uma grande variedade de línguas, é importante respeitar a construção de cada falante, visto que não existe uma construção melhor que outra e todo indivíduo tem sua maneira particular de falar. Portanto, é necessário levar em conta os princípios linguísticos e sociais responsáveis pela variação e mudança nos atos de linguagem verbal.

2.1 O preconceito linguístico

Segundo definição do Dicionário online de Português (2009), preconceito é um julgamento fruto de uma personalidade caracterizada por não se ter lógica ou fundamento crítico:

Juízo de valor preconcebido sobre algo ou alguém que se pauta em uma opinião construída sem fundamento nem reflexão; Repúdio demonstrado ou efetivado através da discriminação de grupos religiosos, pessoas, ideias, sexualidade, raça, nacionalidade etc. Comportamento que demonstra esse repúdio. Convicção fundamentada em crenças ou superstições; cisma. (Etm. pré + conceito).

O preconceito linguístico também é um ato de discriminação social que consiste em julgar o indivíduo pela forma como ele se comunica, seja oralmente, ou por escrito. É provocado pelas grandes diferenças linguísticas que existem na parte interior do mesmo idioma, que está ligado com as diferenças regionais, dialetos, gírias e sotaques.

O ato pode ser visto, por exemplo, em programas de televisão, jornais, revistas e em livros que pretendem ensinar o “certo” em detrimento do “errado”. Na obra *“preconceito linguístico, o que é e como se faz”*, Marcos Bagno afirma que o preconceito linguístico é muito comum na sociedade brasileira e discute sobre como ocorre esse viés que os indivíduos utilizam para questionar e limitar a sociedade. Essa ação é gerada e desenvolvida de acordo com a convivência em determinados grupos sociais. Bagno (2009) aponta que,

em todas as sociedades, existe sempre um grupo de pessoas, uma classe social ou uma comunidade local específica, que acredita que o seu modo particular de falar a língua é o mais correto, o mais bonito, o mais elegante e por isso, deve ser o modelo que as outras classes e comunidades precisam imitar. (Bagno, 2009, p. 20-21)

Essa ideia, na maioria dos casos, parte de grupos sociais tradicionalmente “mais bem vistos” aos olhos da sociedade dominante, ou seja, classes de pessoas escolarizadas, e grupos de pessoas com mais prestígios. O autor ainda acrescenta que

[...] o preconceito linguístico no Brasil se exerce em duas direções: de dentro da elite para fora dela, contra os que não pertencem às camadas sociais privilegiadas; e de dentro da elite para ao redor de si mesma, contra seus próprios membros (Bagno, 2009, p. 21).

Isso significa dizer que brasileiros, os falantes escolarizados principalmente, têm uma convicção muito intensa a respeito de que no Brasil ninguém usa e fala bem o português. De acordo com Bagno, as manifestações de preconceito são resultados “de ignorâncias, intolerância ou da manipulação ideológica” (Bagno, 2015, p. 21). Essa afirmação é válida para que assim as lutas contra as variadas formas de preconceito sejam fortalecidas, levando em consideração que o ato não tem nenhuma justificativa e fundamento racional.

O preconceito linguístico é construído a partir da imagem que a sociedade tem de si mesma e da língua que se fala. Embora, no Brasil, todos falam o português, cada região tem suas particularidades, cultura e forma de se expressar, o que muitas das vezes não é bem visto nem compreendido. Bagno (1999), diz que esse fato pode ser

[...] prejudicial à educação porque, ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização etc. (Bagno, 1999, p. 15).

Dessa forma, ocorre as questões de diferenças regionais, a trágica injustiça social em distribuição de renda que faz com que uma região sofra mais preconceito que outra, a exemplo do Nordeste – alvo de uma discriminação construída pela história e cultura que, se enraizou na sociedade brasileira. Por esse exemplo, Bagno (1999, p. 46) destaca que a manifestação desse preconceito: “É um verdadeiro acinte aos direitos humanos, por exemplo, o modo como a fala nordestina é retratada nas novelas de televisão. Todo personagem de origem nordestina é sem exceção, um tipo grotesco, rústico, atrasado, criado para provocar riso”.

Compreende-se que uma pequena parte da população brasileira tem acesso ao ensino de qualidade, a maioria permanece à margem do domínio da norma culta e os menos favorecidos são chamados de rústicos, caipiras, atrasados etc., deste modo, é notável que as variedades linguísticas devem ser consideradas como um valor cultural a ser estudado, ao invés de um problema na vida estudantil dos alunos.

No ambiente escolar são recebidas pessoas com diversas variedades linguísticas, que se localizam em grupos diferentes, os quais na maioria das vezes não utilizam o português padrão. A escola, paradoxalmente, é o primeiro lugar de convívio da criança com o falar diferente do seu habitual, sendo também o espaço das manifestações de preconceito. Sobre este aspecto, Bagno (2006, p. 28-29) aponta que “Esses preconceitos fazem com que a criança que chega à escola falando o português não-padrão seja considerada ‘deficiente’ linguística, quando na verdade ela simplesmente fala uma língua diferente daquela que é ensinada na escola.”

Por este viés acontecem as exclusões na sala de aula, ocorrendo uma divisão entre a fala e a escrita, em que as duas formas de linguagem são definidas como se fossem línguas diferentes, sendo uma melhor que a outra. Quando uma variação tida como não padrão, é mais visível, os alunos sofrem comentários maldosos e, às vezes, são motivos de gargalhadas na turma.

É necessário que se compreenda que, ao contrário do que ocorre no contexto citado acima:

As variedades não são erros, mas diferenças. Não existe erro linguístico. O que há são inadequações de linguagem, que consistem não no uso de uma variedade em vez de outra, mas no uso de uma variedade em vez de outra numa situação em que as regras sociais não abonam aquela forma de sala (Geraldi, 1997, p. 52).

Na sala de aula o preconceito linguístico se manifesta por meio dessas variações, tendo vista as supostas limitações que um grupo de falantes detém em relação a outro. Ao invés de analisarem como essas variações se apresentam, os interlocutores analisam apenas a forma como são pronunciados os vocábulos nas sentenças. Neste sentido,

Para a escola aceitar a variação linguística como um fato linguístico, precisa mudar toda a sua visão de valores educacionais. Enquanto isso não acontece, os professores mais bem esclarecidos deveriam pelo menos discutir o problema da variação linguística com seus alunos e mostrar-lhes como os diferentes dialetos são, porque são diferentes, o que isso representa em termos das estruturas linguísticas das línguas e, sobretudo, como a sociedade encara a variação linguística, seus preconceitos e a consequência disso na vida de cada um (Cagliari, 2000, p. 82).

O aluno, como indivíduo integrado à sociedade, deve saber que não se deve fomentar esses rótulos de certo ou errado, ao contrário, deve-se perceber e compreender as situações de uso da língua falada e da escrita, reconhecendo que é necessário se apropriar da variedade padrão, mas sem discriminar as formas de uso informal do idioma.

Portanto, em sala de aula é preciso que os professores trabalhem sobre a conscientização de que existem as variações e que todos devem respeitar o uso da língua do outro, considerando que não existe uma fala “correta” em detrimento de uma “errada”, e que sim ocorrem situações sociais diferentes.

3 METODOLOGIA

Este trabalho de pesquisa foi desenvolvido através de leituras prévias feitas ao longo do curso. Os textos que foram lidos fazem parte das referências bibliográficas do curso de Linguagens e Códigos Língua Portuguesa e, também, constam como indicações para a elaboração deste artigo.

Segundo Gil (2007, p. 17), pesquisa é definida como o

[...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados.

Uma pesquisa só é desenvolvida a partir do momento em que se tem uma pergunta formulada de modo a se buscar soluções para tal questionamento. De acordo com Fonseca (2002), a pesquisa possibilita um encontro com o entendimento da realidade a investigar, como um processo inacabado. Ela se realiza através de aproximações contínuas da realidade, fornecendo subsídios para uma interferência no real.

A abordagem desta pesquisa é de cunho qualitativo. Segundo Goldenberg (2000, p. 53), “Os dados qualitativos consistem em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos”, mediante análise subjetiva do objeto estudado. Para Rapazzo (2012, p. 58), a pesquisa qualitativa “[...] busca uma compreensão particular daquilo que estuda: o foco da sua atenção é centralizado no específico, no peculiar, no individual, almejando sempre a compreensão e não a explicação dos fenômenos estudados.”

O presente trabalho compreende um caráter etnográfico, que segundo Cançado (2012, p.1-2) equivale a “[...]um método utilizado em antropologia e enquadra-se dentro de um paradigma qualitativo ou interpretativista de pesquisa”. Visa à compreensão de realidades, a partir da interação com determinado grupo social como, por exemplo, a escola.

O instrumento e as técnicas para coleta de dados foram: questionário, observação e oficina. A observação foi realizada durante as atividades relacionadas ao Estágio Obrigatório IV. A respeito desta técnica, Gerhardt e Silveira (2009) destacam:

É uma técnica que faz uso dos sentidos para a apreensão de determinados aspectos da realidade. Ela consiste em ver, ouvir e examinar os fatos, os fenômenos que se pretende investigar. A técnica da observação desempenha importante papel no contexto da descoberta e obriga o investigador a ter um contato mais próximo com o objeto de estudo (Gerhardt; Silveira, 2009, p. 74)

A observação em sala de aula é uma das principais atividades desenvolvidas pelo pesquisador, pois o possibilita a refletir sobre a prática que está sendo investigada para buscar descobertas para o estudo. Deste modo, é na observação que é possível notar os acontecimentos que ocorrem naturalmente. No caso do presente estudo, o tipo de observação realizada foi a participante. A respeito da observação participante, Minayo (2013, p.70) aponta que:

Definimos observação participante como um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador, no caso, fica

em relação direta com seus interlocutores no espaço social da pesquisa, na medida do possível, participando da vida social deles, no seu cenário cultural, mas com a finalidade de compreender o contexto da pesquisa. Por isso, o observador faz parte do contexto sob sua observação e, sem dúvida, modifica esse contexto, pois interfere nele, assim como é modificado pessoalmente.

A observação participante permitiu que a pesquisadora pudesse se integrar de forma natural na comunidade e no grupo investigado, a fim de obter informações concretas com uma visão ampla do estudo, possibilitando-a descobrir as normas e regras e vivências na rotina do círculo observado.

A oficina pedagógica foi escrita e pensada na realidade da escola e da sala de aula, que no momento eram marcadas pela experiência de funcionarem em um prédio cedido, sendo uma semana presencial e outra online. Segundo Vieira e Volquind (1997, p. 7), a oficina pedagógica é um “[...] espaço-tempo no qual interagem práticas, teorias, crenças e valores”, sendo uma possibilidade de metodologia que oportuniza a análise do contexto em que a sala de aula está inserida.

O tema tratado foi “*O preconceito linguístico camuflado através do cuidado com o bem falar: uma análise voltada para a oralidade dos alunos do 1º ano do Ensino Médio*”. O objetivo foi identificar e discutir sobre os conflitos e dilemas causados pelo preconceito linguístico no contexto escolar. O questionário abordado foi do tipo aberto, que consiste em respostas abertas de acordo com o entendimento e com a livre liberdade de expressão do respondente. Sobre o tipo de questão aberta, Marconi e Lakatos (2007) destacam que:

Perguntas abertas, também chamadas livres ou não limitadas, são as que permitem ao informante responder livremente, usando linguagem própria, e emitir opiniões que possibilitam investigações mais profundas e precisas; entretanto, apresentam alguns inconvenientes: discutam a resposta ao próprio informante, que deverá redigi-la, processo de tabulação, o tratamento estatístico e a interpretação. A análise é difícil complexa, cansativa e demorada (Marconi; Lakatos, 2007, p. 219)

Este instrumento foi elaborado pelo fato de os alunos serem tímidos, e muitos sentem vergonha por serem taxados como pessoas que “falam errado”, portanto, não se sentiam à vontade em socializar de forma oral. Esse fato foi percebido na sala de aula quando a pesquisadora havia informado sobre o possível questionário. Assim, o questionário foi algo mais adaptado para eles, considerando que teriam mais tempo para pensar e rever suas respostas.

Foram aplicados dois questionários do tipo aberto, um para a professora da turma, com 6 perguntas, e outro de 6 questões para os alunos, ambos tratavam do mesmo assunto – as variações e o preconceito linguístico. As categorias de análise foram: descritiva e diagnóstica.

A pesquisa foi realizada em uma instituição pública estadual, no município de São Bernardo (MA), em uma turma de 1º ano do Ensino Médio, com cerca de 40 alunos. A referida instituição funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno, atendendo a adolescentes e jovens da cidade de São Bernardo, centro urbano e zona rural, com faixa etária entre 15 e 18 anos.

A instituição possui 18 turmas, divididas entre 1º, 2º e 3º anos, além de ofertar a modalidade Educação de Jovens e Adultos. Possui um total de 26 professores e 38 funcionários. A professora colaboradora tem formação na área de Letras/Português e atua, há 21 anos, na Educação Básica.

4 ANÁLISES E RESULTADOS

Apresenta-se a análise da pesquisa etnográfica a partir dos resultados das observações, questionários e oficina. A seção segue organizada em tópicos construídos em torno de embasamentos teóricos e comentários acerca das categorias apresentadas. Os resultados obtidos partiram dos dados qualitativos, os quais consistem em descrever e apresentar os acontecimentos de forma detalhada para a análise crítica dos resultados.

4.1 A observação participativa

As observações foram realizadas a partir de momentos vivenciados na sala de aula, durante os estágios da pesquisadora. Essa etapa aconteceu de forma proveitosa, pois com a função de estagiária e pesquisadora, pode-se perceber de perto a grande riqueza de variação linguística existente na sala de aula.

No início, notou-se que ao apresentar a finalidade da presença da pesquisadora, os discentes mostraram-se tímidos e logo fizeram questionamentos, então algumas falas foram coletadas neste momento com a demonstração da presença de variações, como: “cê rai ensinar nós a falar certo?”; “fessora, cê acha certo as pessoas falarem errado?”; “cê acha que a gente fala feio?”; “fessora, você vai só observar?”.

A visão que os alunos tinham a respeito do tema “variação e preconceito linguístico”,

era de que não se devia falar de tal forma porque era errado. Entretanto, a partir de pequenas explicações e de exemplos apresentados, muitos passaram a ficar atentos às variações e tiveram a liberdade de se expressarem sem sentirem medo. A ideia predominante entre eles era de que toda pessoa que falava de acordo com seus saberes, se expressavam e faziam o uso da língua de maneira incorreta.

A principal missão nessa turma era levá-los a perceberem que não se deve limitar a forma como as pessoas que vivem em uma determinada comunidade se expressam, visto que a língua tem suas particularidades, e apresenta mudanças que resultam em ações coletivas de seus falantes.

Houve momentos das observações em que a pesquisadora verificou alunos sorrindo da forma como alguns colegas se comunicavam, caracterizando atos de discriminação – o preconceito linguístico em prática. Segundo Bagno (2007, p.38), a presença do preconceito linguístico na sala de aula:

[...] se baseia na crença de que só existe [...] uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola gramática - dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente.

Como as aulas estavam ocorrendo em semanas alternadas, aconteciam de forma híbrida, uma semana presencial e na semana seguinte acontecia na modalidade virtual, através de grupos de *WhatsApp*. Os momentos em que os alunos utilizavam as variações linguísticas eram quando os mesmos tiravam dúvidas através de áudios. Dificilmente as turmas interagem no grupo, mas no privado a professora relatou que eles costumavam apresentar suas dúvidas.

As aulas *online* não funcionavam como a professora esperava, pois, muitos alunos não compareciam e, portanto, não participavam das atividades; muitos sequer possuíam os equipamentos necessários para assistirem aula remota. Assim, a utilização da plataforma virtual para atividades escolares evidenciou um grande problema, desigualdade no acesso às tecnologias de comunicação e informação, o que causa disparidades sociais no ensino.

As observações na modalidade presencial foram mais proveitosas, os alunos compareciam, assim foi possível analisar a forma como se expressavam. As variações que os estudantes mais faziam uso eram: “fessora”; “rou”; “rai”; “simbora”; “cê”; “rachega”. Além dessas marcas de fala, também utilizavam algumas gírias, tais como: “siô”; “tamo junto”; “véi”; “mano”; “doido” etc.

Para Antunes (2009, p.22-23):

Em qualquer língua, de qualquer época, desde que em uso, ocorreram mudanças, em todos os estratos, em todos os níveis, o que significa dizer que, naturalmente, qualquer língua manifesta-se num conjunto de diferentes falares, que atendem às exigências dos diversos contextos de uso dessa língua. Pensar numa língua uniforme, falada em todo canto e em toda hora do mesmo jeito, é um mito que tem trazido consequências desastrosas para a autoestima das pessoas (principalmente daquelas de meios rurais ou de classes sociais menos favorecidas) e que tem confundido, há séculos, os professores de língua.

Nestes termos, é normal atualmente a utilização desses tipos de comunicação, falas construídas de acordo com o meio de convívio e do modo como a juventude se cumprimenta. No caso das variações, nota-se que as pessoas que faziam o uso são alunos que residem na zona rural. Já pelo ponto de vista das gírias do português brasileiro, percebe-se que são adolescentes com conhecimento não apenas local, mas também regional.

Nos quadros a seguir são apresentadas as variações e gírias utilizadas pelos alunos da turma do 1º ano em momentos de socialização com os demais colegas, e durante as aulas:

Quadro 01 – Marcas de variações dos alunos

Variações/gírias	Sentidos/significados
“cê”	você
“rou”	vou
“cê rai”	você vai
“fessora”	professora
“simbora”	vamos embora
“rachega”	já chega
“siô”	senhor
“véi”	velho
“mano”	irmão
“doido”	expressão de indignação
“tamo junto”	estamos juntos

Fonte: Criado pela pesquisadora.

Conforme mostra o quadro 01, as expressões usadas pelos estudantes são palavras de fácil compreensão. A diversidade do português falado no Brasil decorre das diferentes

variantes linguísticas presentes no país. Por exemplo, a pronúncia de certas letras em determinadas palavras depende da região na qual são faladas. Para Gomes (2007, P. 74)

As pessoas, em geral, têm formas diferentes de falar, isto é, vocabulário diferente, estrutura gramatical diferente e até ritmo de fala diferente, dependendo, principalmente, da formalidade da situação. [...] Essas variedades dependem de uma convenção social, ou seja, existem expectativas quanto à forma de falar das pessoas em determinada situação e, quando essa expectativa não é atendida, existe algum tipo de conflito entre os interlocutores, seja por uma repreensão ou apenas um franzido na testa.

Dessa forma, destaca-se a importância da valorização da variação linguística, tendo em vista que é a partir dessa sensibilidade que será possível compreender a diversidade da sociedade, evitando assim as manifestações causadas pelo preconceito linguístico na sala de aula e para além dela.

No quadro se apresentam também as gírias, conhecidas como um fenômeno linguístico que se manifesta em vários estratos sociais, em um contexto informal, relacionando classes, gêneros e identidades. É amplamente utilizada no dia a dia, podendo ser considerada um tipo de dialeto. De acordo com Valadares (2011, p. 30-31)

[...] as gírias são espécies de “códigos secretos” para um determinado grupo manter interações. Nesse sentido, há uma grande diferença entre gírias e regionalismos, por exemplo, uma vez que estes estão demarcados por regiões linguístico-geográficas e aquelas não. [...]. Evidentemente, uma gíria pode também ser um regionalismo, não há impedimento; contudo, os sentidos construídos e os objetivos do seu uso, com certeza, serão diferentes.

O propósito desta pesquisa é caracterizar os termos formais que são usados no idioma no cotidiano, visando facilitar a compreensão da expressão utilizada. Contudo, não devem ser interpretadas literalmente, há um sentido conotativo em sua construção. A diversidade linguística apresenta características da identidade social das pessoas e as gírias também fazem parte desse fenômeno. À medida que se inventa novas gírias, estes termos acabam por suplantam os antigos, ou seja, se a língua é composta por mudanças, as gírias também fazem o mesmo papel.

Nesse ensejo, apesar dos alunos apresentarem timidez, eles conseguiam interagir, de forma espontânea, ao se comunicarem no ambiente escolar, sem se preocupar em seguir o estilo e o padrão imposto pela escola e pela gramática normativa, que preza pelas formas de comunicação formais. Essa liberdade, no entanto, se confronta com as práticas de discriminação desses falares, ocasionando o preconceito linguístico. Partindo desse universo,

foi possível pensar em um tema a se trabalhar na sala de aula com os alunos, por meio da oficina pedagógica que será explicada na seção seguinte.

4.2 A oficina pedagógica

Analisando o contexto em que as aulas foram ministradas, pode-se observar que os alunos frequentam a escola em semanas alternadas, fator que acaba comprometendo a carga horária a ser cumprida. Contudo, as semanas em que os alunos assistiam aula presencial contribuíram para a manifestação de variações linguísticas, tanto em textos escritos, quanto na própria fala deles, o que facilitou a discussão sobre “*O preconceito linguístico camuflado através do cuidado com o bem falar: uma análise voltada para a oralidade dos alunos do 1º ano do Ensino Médio*”, em forma de oficina pedagógica.

Partiu-se de entendimentos, com base em Bagno (1999), sobre o preconceito linguístico como prática recorrente na sociedade brasileira, visto que esse ato discriminatório tem suas bases nos instrumentos tradicionais do ensino da língua: a gramática normativa e os livros didáticos.

A oficina foi desenvolvida em dois dias, em que no primeiro dia a aula ocorreu em 4 horários, uma duração de 2 horas e 40 min. No segundo dia, a aula aconteceu em dois horários, 1 hora e 20 minutos. Em um primeiro momento foram distribuídas em toda a turma as tirinhas do material impresso que seriam trabalhadas na sala de aula. Em seguida, apresentou-se o título da oficina, justificando a escolha do tema, enfatizando a necessidade de desconstruir a ideia de que existe apenas uma forma “correta” de falar.

Foi desenvolvido um diálogo sobre os diferentes tipos de alterações que a língua sofre. Após essa etapa, foram mostrados os tipos de variações existentes, como: variação diatópica (geográficas), diastrática (históricas), diafásica (grupos sociais) e diamésica (formal x informal). Esta exposição aconteceu no quadro branco apontando todas as definições das variações e o restante de todo o trabalho.

A maioria da turma mostrou interesse no assunto exposto, os alunos permaneciam quietos e atentos a cada explicação feita pela pesquisadora. Durante esta exposição, alguns conversavam e diziam que “*não sabiam que não era errado falar de tal forma*” e logo comentavam que achavam o modo de fala deles bonito, pois em cada região existia uma maneira de se falar. Geraldi (1997, p.52) diz que “as variedades não são erros, mas diferenças”. Essas diferenças acontecem em diversos contextos, uma vez que não existe erro

linguístico na fala, todas as línguas têm suas particularidades e seus modos de falar, o que deve ser compreendido e respeitado.

Em seguida foi relatado que o fenômeno da variação não ocorre somente no português, mas também em outros países que se falam outras línguas, como é o caso do espanhol. Foi sugerido que os alunos pudessem observar a primeira tirinha e o quadro de palavras para que pudessem perceber a variação de palavras em diferentes países.

Quadro 02 – Variações de regiões e países.



	Espanha	México	Argentina
Calçada	Acera	Banqueta	Vereda
Pipoca	Palomitas	Palomitas	Pochoclo
Computador	Ordenador	Computadora	Computadora
Piscina	Alberca	Piscina	Pileta
Carro	Coche	Auto ou carro	Auto ou carro
Feijão	Judias	Frijoles	Porotos
Elevador	Ascensor	Elevador	Elevador

Fonte: https://www.tudosaladeaula.com/2021/07/atividade-portugues-variacao-linguistica-4ano-5ano.html#google_vignette, <https://megustapracaramba.blogspot.com/2012/03/espanhol-e-espanhol-sera-mesmo.html>.

O segundo momento do primeiro dia da oficina, foi voltado para o diálogo sobre o ato de preconceito linguístico. O embasamento principal para essa etapa foi Bagno (1961), o qual defende a necessidade de se repensar a língua padrão portuguesa, defendendo a incorporação das variações linguísticas e das formas orais como autênticas e corretas expressões do português brasileiro.

Explicou-se para a turma que o cuidado com o bem falar aumenta o tipo de preconceito, porque diz respeito a um padrão imposto por um grupo seletivo de pessoas. Contribuindo com a sequência, as tirinhas de Chico Bento ajudaram na explicação do tema abordado, em seguida foram expostos os três tipos de gramática: descritiva, normativa e a internalizada.

Quadro 03 – Tirinhas de Chico Bento, de Maurício de Sousa



Fonte: <https://app.estuda.com/questoes/?id=147113>, <https://aprenmatematica.blogspot.com/2011/03/plano-de-aula-aprendendo-com-hq.html>.

O segundo dia foi direcionado a finalização da oficina e a aplicação dos questionários, abrindo espaço para a produção final sobre a temática: solicitou-se que os alunos elaborassem um texto que fosse voltado para as variações linguísticas. Para executar essa proposta foi necessário o uso de imagens da *internet* como, quadrinhos, tirinhas, anúncios publicitários.

Posteriormente, os alunos foram convidados a expor as formas de variações típicas da região que eles conhecem. Foram apresentados exemplos de variações que acontecem no espanhol, esses exemplos foram expostos por meio de imagens. Por fim, todos deviam expor os seus trabalhos para os demais e deixarem registrados no mural que tinha como tema: “*Variações linguísticas no ensino de língua portuguesa*”.

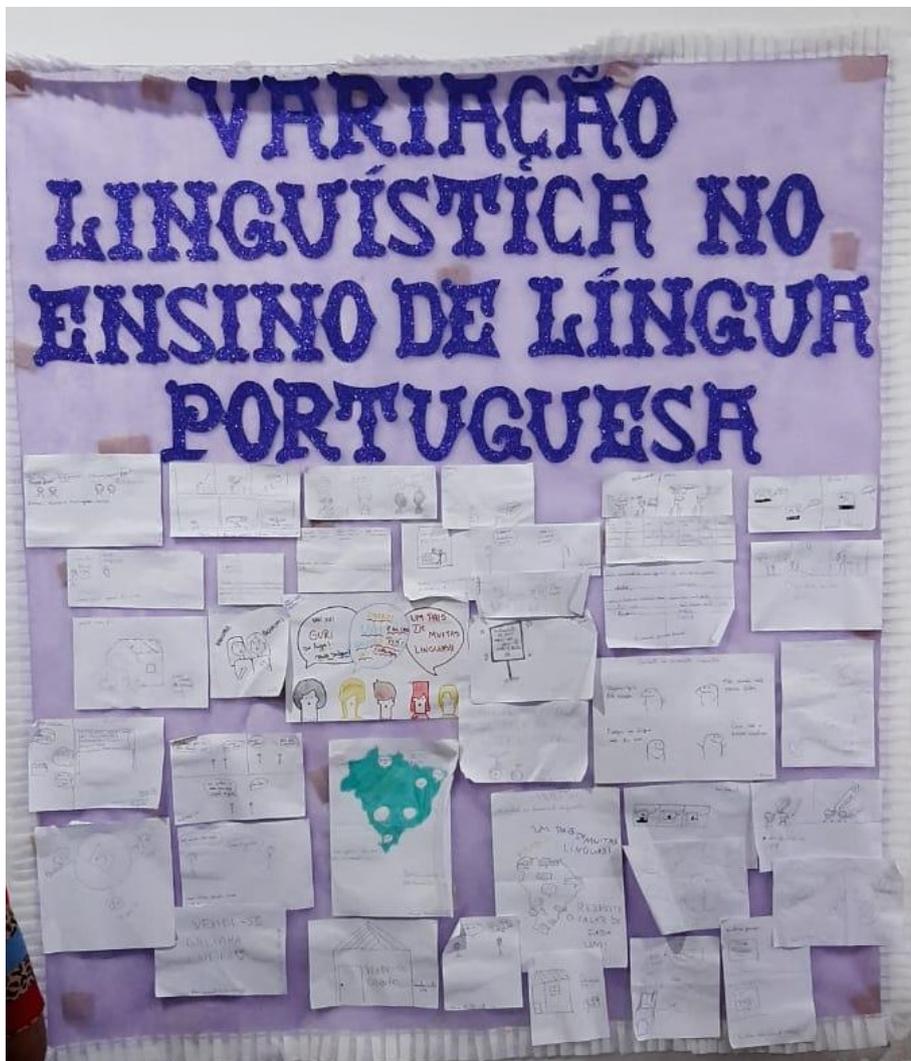
Essa prática possibilitou ensinar de acordo com a realidade social dos adolescentes, com seus falares, sotaques e variações. Foi possível provocá-los acerca da importância de respeitar a forma alheia de falar e reconhecer que dentro da própria sala de aula há variações, portanto, todos devem ser respeitados e acolhidos, bem como mostrar a norma-padrão como uma dessas formas de variação, a qual deve ser valorizada e aprendida, porém, se discriminação às demais.

Durante a aplicação da oficina foi possível notar que alguns alunos já tinham conhecimento do tema abordado, porém, a maioria não tinha noção do que seriam as variações e o preconceito linguístico. As atividades propostas foram proveitosas e dinâmicas, os educandos tiveram curiosidade em saber do que se tratava e puderam participar das aulas e da atividade de produção.

Todos participaram e se sentiram à vontade em fazer os textos, uns pediam ajuda e outros se questionavam por que tinham em mente algo a fazer, mas não conseguiam passar

para o papel a produção. Algumas interferências foram necessárias e ao final, todos conseguiram realizar a tarefa.

Quadro 03 – Mural de produção dos alunos na oficina



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

O mural com as produções permaneceu no ambiente, pois a professora do 1º ano pediu que se deixasse exposto, para que os alunos pudessem sempre lembrar e ficarem atentos com suas produções sobre a importância do respeito e da valorização das variedades linguísticas. Essa ação pode contribuir para a mudança de comportamento e diminuição de atos de preconceito linguístico entre eles.

4.3 Análise dos questionários

O questionário foi direcionado para a professora de Língua Portuguesa e para cinco alunos da turma do 1º ano, tendo como critérios de escolha os que, realmente, faziam uso das variações linguísticas mais acentuadas na turma, razão pela qual já sofreram preconceito no ambiente escolar.

Quadro 04 – Questionário aplicado à professora

P1: Você considera a linguagem padrão a única forma e mais correta a ser ensinada? R: <i>“Não. Porém, a linguagem padrão é importante e faz-se necessária para o processo de comunicação e interação social em contextos específicos.”</i>
P2: Quanto a fala dos alunos, quais os principais tipos de diferenças você presencia em sala de aula? R: <i>“Muitas inadequações linguísticas. Principalmente as variações diatópicas, proveniente de alunos da zona rural.”</i>
P3: Como você se posiciona diante das ocorrências de preconceito linguístico? R: <i>“Aproveito as ocorrências para explicar a importância das variações linguísticas e mostrar o dinamismo da língua.”</i>
P4: Você costuma questioná-los e corrigi-los em sala de aula? R: <i>“Sim, mas de forma sutil e indireta, através de situações de comunicação semelhantes de forma adequada.”</i>
P5: Você utiliza variações em sala de aula? R: <i>“Sim, através de gêneros textuais que mostram as diferenças linguísticas regionais, histórica, etc.”</i>
P6: Como é trabalhado a oralidade em sala de aula? R: <i>“Através da leitura em voz alta, declamação de poemas, seminários e rodas de conversas.”</i>

Fonte: Criado pela autora com base no questionário aplicado.

Na pergunta 1, a justificativa da professora sobre a linguagem padrão em relação à “comunicação e interação social em contextos específicos”, diz respeito ao comportamento que membros de uma certa comunidade se expressam. Desse modo, ela relata que por mais que os alunos falem de acordo com seus saberes, precisam se apropriar da norma padrão, a

qual definida como a variação de maior importância e prestígio.

Sabe-se que a norma padrão busca impor à sociedade uma linguagem comum para todos, ou seja, uma linguagem formal que anula os diferentes usos linguísticos de cada grupo social. Por essa abordagem, “[...] a norma culta é um requisito linguístico-social próprio para as situações comunicativas formais, sobretudo aquelas ligadas à escrita” (Antunes, 2007, p. 88), ou seja, é preciso dominar o formalismo para escrever com coerência e saber se expressar em diferentes contextos, no entanto, as variações informais devem ser consideradas e respeitadas, uma vez que formam a identidade linguística do falante.

Na P2, a professora deixa claro que na fala de alunos da zona rural, acontecem muitas inadequações, seguindo assim as variações diatópicas que se referem ao espaço geográfico em que determinado grupo social convive. Segundo Antunes (2007, p. 94), “[...] as pessoas que ficam de fora do padrão não são apenas *diferenciados*; são também *inferiorizados*, *desprestigiados*, e as mudanças provocadas pelo próprio fluxo natural da língua são tidas como *sinais de decadência* (Grifos da autora)”.

Sabe-se que a língua tem muita diversidade e não deve se propagar de forma negativa um modo de falar, já que nenhuma língua é falada da mesma forma em todos os lugares, mas se relaciona com o nível de escolaridade, classe social ou grupo de convivência.

De acordo com a resposta da P3, sabe-se que a língua não é homogênea e entende-se que ela vive em constante evolução. Assim, Perini (2006) diz que

Cada língua é um retrato do mundo, tomado de um ponto de vista diferente, e que revela algo não tanto sobre o próprio mundo, mas sobre a mente do ser humano. Cada língua ilustra uma das infinitas maneiras que o homem pode encontrar de entender a realidade (Perini, 2006, p. 52).

Nessa circunstância, é evidente que ao se discutir sobre o dinamismo da língua, é possível atentar à excessiva sincronia das diversidades dos falares. Tornando assim, visível a manifestação do preconceito linguístico, sempre que se tenta encontrar a identidade das variações linguísticas.

Sobre a P4, a professora busca abordar momentos que acontecem as variações em sala de aula, procura desenvolver situações de comunicação que contenham as diferentes formas de fala e escrita, focando no fato de que existe a linguagem formal e informal, enfatizando a existência das variantes linguísticas para que todos possam saber reconhecer as situações em que se usa o português padrão e o não padrão.

Sobre a questão do preconceito linguístico, Antunes (2007) aponta que esses atos acontecem pelo fato de uma classe social prestigiada e letrada fazer o uso da língua da maneira como seus membros se expressam, tido assim como o “melhor uso” da língua. Por isso, acontece o viés do preconceito linguístico, visto que todos que fogem a esse padrão na fala, se tornam pessoas mal vistas e inferiorizadas.

No contexto da resposta da P5, Marcuschi (2007, p. 22) diz que: “é impossível se comunicar verbalmente a não ser por um gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por um texto”. Dessa forma, os gêneros podem ser usados para ensinar os alunos a usar a língua materna, de modo que possam reconhecer a importância de compreenderem o uso das línguas nativas de forma relevante.

Na resposta da P6, sabe-se que a leitura faz-se necessária em todos os sentidos, pois é a partir da leitura que se constrói uma boa comunicação, proporcionando o estímulo do raciocínio lógico, o pensamento crítico e o melhoramento da escrita. Antunes (2004, p. 66) a esse respeito destaca que “a leitura é parte da interação verbal escrita, enquanto implica a participação cooperativa do leitor na interpretação e na reconstrução do sentido e das intenções pretendidas pelo autor”.

Segundo a BNCC (2018), para formar alunos com um nível elevado nas práticas de leitura, escuta, produção de textos (orais, escritos, multissemióticos) e análise linguística/semiótica, é necessário:

Produzir e analisar textos orais, considerando sua adequação aos contextos de produção, à forma composicional e ao estilo do gênero em questão, à clareza, à progressão temática e à variedade linguística empregada, como também aos elementos relacionados à fala (modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc. (Brasil, 2018, p. 500).

Por conseguinte, Antunes (2004) apresenta implicações pedagógicas sobre o uso da oralidade, destacando que quando se fala em oralidade, a escola e professores devem se atentarem a discutirem sobre essa forma de ensinar as implicações que tratam do assunto, e possam intervir para que o trabalho com a oralidade tenha:

[...] momentos de apreciação das realizações estéticas próprias da literatura improvisada, dos cantadores e repentistas — Lamentavelmente, algumas vezes, essas produções aparecem na sala de aula apenas como pretexto para que sejam convertidas na norma padrão da língua. Perde-se assim o seu valor como forma de expressão oral dos valores culturais de uma comunidade, além de se passar sutilmente a idéia de que seu padrão linguístico deve ser evitado (Antunes, 2004, p. 105).

Dessa forma, para poder expandir as habilidades comunicativas e interacionais dos estudantes, é necessário ter determinação, vontade e empenho para promover mudanças. É preciso implementar uma abordagem abrangente, fundamentada, planejada, sistemática e participativa, para que, desse modo, a escola possa realmente cumprir seu papel social de capacitar os alunos para exercerem sua cidadania de maneira plena e consciente.

Por conseguinte, o quadro a seguir mostra o resultado do questionário aplicado aos alunos com o intuito de conhecer a realidade da oralidade dos mesmos. A identificação acontecerá da seguinte forma: A1(aluno1), A2(aluno 2), A3(aluno 3), A4(aluno4) e A5(aluno 5).

Quadro 05 – Questionário aplicado aos alunos

<p>P1. Você tem conhecimento sobre o preconceito linguístico?</p> <p><i>A1: Sim, é quando a fala de uma determinada pessoa não é aceita por alguém que seja ou não da mesma sociedade.</i></p> <p><i>A2: Sim, o preconceito linguístico é as diferenças de línguas e tem pessoas que não respeitam a linguagem do outro.</i></p> <p><i>A3: É quando uma pessoa não aceita a forma como o próximo se expressa.</i></p> <p><i>A4: Só sei que é quando alguém não aceita a fala das pessoas.</i></p> <p><i>A5: Sim acho que muitas pessoas sabem, é quando não falamos como o padrão pede.</i></p>
<p>P2. Você utiliza a norma padrão, ou somente quando necessário?</p> <p><i>A1: Mais ou menos, porém só quando necessário.</i></p> <p><i>A2: às vezes tento usar em publico.</i></p> <p><i>A3: A norma padrão é algo complicado, eu evito o máximo falar em público para não ser alvo de chacota.</i></p> <p><i>A4: As vezes quando é pra falar em público. Mas no meu dia a dia eu falo de forma livre.</i></p> <p><i>A5: Primeiro não deveria existir um padrão e mas uso só quando necessário.</i></p>
<p>P3. Já aconteceu o caso de algum colega ou professor te corrigir? Se sim, como foi?</p> <p><i>A1: Sim, quando eu pronuncio uma palavra de uma forma diferente da correta.</i></p> <p><i>A2: Sim, me sentir ruim por causa do constrangimento em sala de aula.</i></p> <p><i>A3: Nesse caso sim, os meus colegas da cidade me costumam corrigir, pois eles dizem que eu falo</i> <i>A4: Sim, foi vergonhoso porque além das correções vem as piadinhas.</i></p> <p><i>A5: Sim “vou no banheiro” “vou ao banheiro”.</i></p>
<p>P4. Por causa do seu modo de falar, você já foi vítima de chacota na escola?</p> <p><i>A1: Sim, mas não aconteceu com muita frequência.</i></p> <p><i>A2: Sim.</i></p> <p><i>A3: Sim, e com frequência.</i></p> <p><i>A4: Sim um monte de vezes.</i></p> <p><i>A5: Sim, pois eu sou daqui e tenho muitos sotaques.</i></p>
<p>P5. Durante a aula você já se sentiu envergonhado, ou seja, participou pouco das aulas por causa das variações linguísticas que você usa?</p>

A1: Sim, achei vergonhoso e me privei.

A2: Sim, já cheguei a evitar falar e interagir na aula.

A3: Sim, só que eu não deixo de participar das aulas pela forma que eu falo justamente porque eu sei que é uma adaptação de linguagem porque eu venho de cultura diferente.

A4: Sim as variações que eu uso muitas das vezes são diferentes da forma como os colegas se expressam e para não ocorrer um desconforto eu evito o máximo.

A5: Não vejo variação linguística como motivo para não participar de alguma coisa é mais por vergonha mesmo

P6. Cite aqui as variações que você mais utiliza no seu dia a dia.

A1: Uso as palavras mais comuns do dia a dia, como: oxente, mainha, mano e outras.

Acredito que não consigo aqui escrever todas, até porque eu falo de acordo com a minha cultura.

A2: Faço o uso das variações diatópicas, em que eu falo de acordo com minha região.

A3: Antionti, istanoiti, rá rai, rambora, bassora, raponesa e outras.

A4: Eu não consigo aqui citar porque é como se fosse automático.

A5: Como eu venho de uma outra região eu falo de acordo com a cultura da região que eu venho e são muitas variações.

Fonte: Criado pela autora com base nos questionários aplicados

Na P1, os alunos mostraram que compreenderam o assunto direcionado a eles e foram breves em suas respostas. Verifica-se que o preconceito linguístico, no ambiente escolar, é questionado no sentido de “falar bem” e se não estiver de acordo com o padrão a maneira expressa é considerada errada. Segundo os PCN de linguagem, as variedades de linguagem são classificadas, por atribuírem diversos modos de falar, o que implica dizer que a escola deve proporcionar ao aluno caminhos para este possa:

[...] conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais (Brasil, 1997, p. 13).

Na P2, nota-se que os alunos tentam ter um cuidado maior quando se trata de falar em público, ou até mesmo nos momentos de interações na sala de aula, assim como eles relatam na P5. Calvet (2002, p.33), nessa perspectiva, aponta que “pode ocorrer que essa situação implique não mais um indivíduo, mas um grupo social, confrontado com outro grupo cuja língua ele não fala e que por sua vez também não fala a sua”. É neste sentido que ocorre o cuidado com o bem falar, pois nem todos os estudantes falam de acordo com a norma, e acaba

interferindo na livre liberdade de expressão desses alunos. Quando se trata da norma padrão, eles procuram ser breves para não sofrer *bullying*.

Na P3, Todos os alunos relataram que já sofreram o constrangimento de correção em suas expressões em sala de aula, essa prática do viés de linguagem acontece em diversos momentos e lugares, porém, fica mais evidente em ambientes escolares nos quais os discentes vêm de uma variedade de estilos, raças, lugares e culturas diferentes, deixando nítido que não se tem uma cultura homogênea nesse convívio. Por este ponto de vista, Calvet (2002) relata que

As línguas mudam todos os dias, evoluem, mas a essa mudança diacrônica se acrescenta outra, sincrônica: pode-se perceber numa língua, continuamente, a coexistência de formas diferentes de um mesmo significado. Essas variáveis podem ser geográficas: a mesma língua pode ser pronunciada diferentemente, ou ter um léxico diferente em diferentes pontos do território (Calvet, 2002, p. 79).

Deste modo, entende-se que os educandos falam e fazem uso das variáveis linguísticas, o que às vezes incide em prática de preconceito, que pode interferir inclusive no desempenho e aprendizado desses alunos, além de torná-los alvo de falas constrangedoras no ambiente escolar.

Analisando o contexto das respostas dos alunos na P4 e P5, foi possível perceber que o preconceito linguístico se enraíza no olhar julgador pela forma pela qual fazem uso das variações linguísticas, o que deve ser combatido constantemente. A língua deve ser compreendida como fenômeno de misturas, como afirma Bagno (2007, p. 03): “a língua, na concepção dos sociolinguistas, é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução”.

De acordo com a P6, sabe-se que a linguagem reflete a sociedade e as transformações que acontecem na sociedade também ocorrem na linguagem, para atender às necessidades de comunicação. Nestes termos, Cunha e Cintra (1985, p.3) dizem que: “todas as variedades linguísticas são estruturadas, e correspondem a sistemas e subsistemas adequados às necessidades dos seus usuários”, todavia, lamentavelmente, em nossa nação ainda prevalece a concepção da presença de uma única língua, negligenciando a vasta diversidade do português.

Bagno (2015, p.85.) orienta ainda que “a importância da língua falada para estudo científico está principalmente no fato de ser nessa língua falada que ocorrem as mudanças e as variações que incessantemente vão transformando a língua”. Essas transformações que acontecem partem das variações, inclusive as que os alunos da sala do 1º ano estão inseridos, logo, o que eles constroem como linguagem é o que os representa como falantes.

Assim, os questionários mostraram que a língua não é limitada à exigência da gramática normativa, a língua é um organismo vivo que está sempre em andamento de construção e reconstrução, retratando a cultura e a história de variadas etnias e localidades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada trouxe reflexões acerca dos estudos sobre variação e preconceito linguístico, mostrando como essa prática discriminatória está inserida na dinâmica de sala de aula. Buscou-se motivar e provocar os alunos a respeitarem a cultura linguística e as identidades de cada falante. Com base no que se verificou no contexto observado em uma escola estadual, de Ensino Médio, no município de São Bernardo - MA, há atos de discriminação entre alunos do 1º ano, pelo simples fato de uns falarem diferente de outros.

O estudo mostrou que na sala de aula ocorrem, com pouca frequência, manifestações de preconceito linguístico, em que alunos falantes de determinadas variedades linguísticas sofrem correções pelo jeito que falam, o que possivelmente pode interferir em seu desenvolvimento cognitivo e no desempenho nas aulas de Língua Portuguesa.

Para evitar o ato de preconceito linguístico na sala de aula, dentre outras questões, é necessário educar para práticas de respeito e tolerância, mostrando a riqueza e beleza das diversidades nos atos de comunicação. Percebe-se então que a escola deve proporcionar ao aluno a livre liberdade de defender seus pontos de vistas, de respeitar as opiniões diferentes, para que dessa forma os discentes possam dominar as diversas formas de comunicação, sem discriminar colegas pela forma que expressam suas linguagens.

Compreende-se ainda, que o professor deve ser um mediador de práticas de intervenção contra todas as formas de preconceito em sala de aula. Para isso é necessário formação inicial, continuada e contínua, de modo possa construir uma boa base teórica, aliada a conhecimentos pedagógicos, éticos e de formação humana. Observou-se que professor de língua portuguesa precisa apresentar novas metodologias de ensino aos alunos, deixando claro que a língua não é um bloco fechado e homogêneo, bem como esclarecer que a característica principal das línguas humanas é a heterogeneidade em sua construção.

Neste sentido, considera-se que os objetivos da pesquisa foram alcançados, tendo em vista que foi possível a identificação e análise de manifestações de preconceito linguístico em sala de aula, a partir de discussões sobre as causas e impactos dessa prática, a partir da realidade de alunos do 1º ano do Ensino Médio.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola, 2007.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola, 2009.
- BAGNO, Marcos. (Org.). **Linguística da Norma**. São Paulo: Loyola, 2004.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Não é errado falar assim! Em defesa do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz?** 45. ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental: **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- CANÇADO, M. **Um estudo sobre a pesquisa etnográfica em sala de aula**. Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas, SP, v. 23, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639221>. Acesso em: 15 set. 2023.
- CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de linguística**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2013
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luíz F. Lindley e. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- Dicio, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/preconceito/>. Acesso em: 15 set. 2023.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- GERALDI, João Wanderley (org.). **O texto na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- GERALDI, Wanderley. et al. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org.). Métodos de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOMES, Maria Lúcia de Castro. **Metodologia do ensino da língua portuguesa**. Curitiba: Editora Ibpex, 2007.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

Lakatos, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica** / Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MARCUSCHI, Luis Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In.*: DIONÍSIO, Angela Paiva et al. **Gêneros textuais e ensino**. 5 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 19-36.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 33. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

PERINI, M. **Princípios de linguística descritiva: introdução ao pensamento gramatical**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

VALADARES, Flavio Biasutti. **Revisando a noção de gírias: do conceito à dicionarização**. Revista Eletrônica de Linguística, vol 5, n. 1; 2011, p. 27-43.

VIEIRA, Elaine; VOLQUIND, Lea. **Oficinas de ensino: o quê? por quê? como?** 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.